

EDITORIAL

Em tempos de muita pressa e agenda sobrecarregada, não é demais um agradecimento inicial e especial aos pareceristas que oferecem sua colaboração para que o periódico continue circulando. Haja malabarismo para conseguir se equilibrar na linha do tempo!

Os primeiros textos que chegaram da avaliação já desenharam o primeiro bloco de artigos: dimensões filosóficas e epistemológicas da educação.

O texto de José Luiz Zambiasi nasceu das discussões e reflexões realizadas no Centro de Ciências da Educação da Unochapecó: discussão sobre os princípios éticos e políticos fundamentais para se pensar a reformulação do Projeto Político Pedagógico do curso de pedagogia. Discussões estas atravessadas pelos debates/embates sobre modernidade/pós-modernidade, crise de paradigmas, das metanarrativas e do materialismo histórico. Afinal, colocava-se a necessidade de problematizar a epistemologia e destacar o conhecimento como uma construção histórica que serve de mediação na relação direta homem/natureza, unindo o pensar e o agir (praxis). Isso coloca ao autor a necessidade do “diálogo sobre as grandes questões como a biotecnologia, a energia nuclear e a exclusão social, num mundo em que poderiam caber todos, enfim, a recuperação e a inclusão dos sujeitos da história. Daí que a discussão epistemológica deve, necessariamente, incluir o problema da operacionalidade técnica através de um novo modo de pensar sobre o que pretendemos fazer com esse planeta e com os homens que nele habitam. Por isto, envolve a ética e a política e, portanto, a questão da cidadania.[...], uma epistemologia engajada na dialética histórica, dos homens construindo conhecimentos congruentes, portanto, não relativistas e nem definitivos e totalitários”.

Maria de Jesus Fonseca nos presenteou com um texto que discute sobre ciência da educação e filosofia da educação. Recorrendo a posição defendida por José Ribeiro Dias, fala da necessidade não de uma “filosofia aplicada’ à educação, mas de educação ‘explicada’ pela filosofia, lamentando “o facto de a filosofia da educação ‘ainda não existir por vezes, em cursos de formação de educadores’ (DIAS,1993:13), significando isso uma remanescência de um positivismo ou de um cientismo já ultrapassados historicamente”.

Na seqüência, o trabalho de Armindo Quillici Neto vai apontar que na prática do ensino de Filosofia da Educação nas faculdades de Pedagogia

do Estado de São Paulo, assim como no Brasil, tem apenas preenchido “um espaço no currículo de formação de professores, sem apontar saídas mais concretas para os problemas da educação, sem apontar um debate mais significativo para os problemas da realidade educacional”.

Marilda e Zenilde, ao discutirem as intenções políticas expressas por detrás das determinações pedagógicas do Parecer 009/2001, que fundamenta a reforma curricular de formação de professores da educação básica, focam o olhar nos elementos que compõem o segundo princípio orientador da reforma, quais sejam, a simetria invertida, a concepção de aprendizagem, de conteúdo e de avaliação. Afirmam que, por trás dos pressupostos orientadores da simetria invertida, deixa-se de contemplar as dimensões políticas, sociais, culturais, estéticas, econômicas da formação ficando esta atrelada aos interesses da reestruturação produtiva ao priorizar a formação, prático-utilitária do professor da Educação Básica.

Marcilei Vignatti e Paulo Ricardo Araújo exploram a forma como a educação ambiental se apresenta no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra do Brasil, considerando o período de análise de 1984 a 2004. Por ser algo ainda novo no movimento, a educação ambiental se apresenta como mais uma nova dimensão educativa que não se reduz apenas à escolarização. Os autores vão sinalizando como esta educação vai se configurando no movimento, caracterizando suas manifestações, potencialidades e desafios.

Sandra Fachinello discute o ensino de artes, partindo da experiência vivida com o vídeo-arte. Realça que esta leitura da experiência instiga o olhar para a arte como fonte de pesquisa ao mesmo tempo que propicia uma transformação do sujeito que vivencia esse processo. A autora não fica apenas no relato, mas busca fundamentar teoricamente a experiência vivida e ainda ajuda a ampliar a concepção de leitura para além do campo da arte.

Agradecemos a todos aqueles que colaboraram enviando seus artigos, no desejo que nesses tempos de transbordamento das agendas ainda seja possível poder desfrutar de momentos para nossas produções e reflexões sobre nosso fazer.

Maria dos Anjos Lopes Viella
Coordenadora Editorial